



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências - Bauru



**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NAS ATIVIDADES CURRICULARES
DESPORTIVAS: A QUESTÃO METODOLÓGICA E EXPECTATIVAS DOS
PROFESSORES E ALUNOS**

Adriano Gomes de Moraes

BAURU

2017

ADRIANO GOMES DE MORAES

**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NAS ATIVIDADES CURRICULARES
DESPORTIVAS: A QUESTÃO METODOLÓGICA E EXPECTATIVAS DOS
PROFESSORES E ALUNOS**

Orientadora: Prof.^a Dra.Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - campus de Bauru, como um dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em Educação Física, sob a orientação da professora Dr^a Lílian Aparecida Ferreira.

BAURU

2017

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura do(a) orientador(a)

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à toda a minha família, meus amigos e colegas que me ajudaram nesta longa caminhada. Foram muitos dias e noites insones.

Agradeço ao meu pai, seu Roque e minha mãe, dona Maria de Lourdes. Principalmente minha mãe que foi quem mais me incentivou a retornar a estudar quando sempre perguntava se eu não ia fazer uma faculdade.

Agradeço todas as oportunidades que a UNESP me proporcionou: de fazer grandes amizades, poder experimentar a docência e os projetos de extensão.

Agradeço a Bia e a Fabi pela paciência.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Denise, por me ensinar a escrever poesia.

E agradeço à minha orientadora Prof.^a Lílian Aparecida Ferreira por acreditar em mim até o fim. Mais do que eu mesmo poderia acreditar e ter me dado esperança quando eu achava que já não conseguiria mais.

Seja quem você for, seja qualquer posição que você tenha na vida, do nível altíssimo ao mais baixo do social. Tenha sempre como meta muita força, muita determinação e sempre faça tudo com muito amor e com muita fé em Deus. Que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá.

(Ayrton Senna da Silva)

RESUMO

Em 2001 houve uma mudança nas escolas estaduais de São Paulo com a criação das Atividades Curriculares Desportivas (ACDs), fazendo com que a Secretaria da Educação de São Paulo extinguisse a nomenclatura Turmas de Treinamento. Se antes as Turmas de Treinamento desenvolvidas na escola pautavam-se no rendimento, melhoria técnica/tática, competitividade e revelação de talentos, neste novo panorama o foco voltou-se para a promoção da cidadania por meio das atividades recreativas e/ou esportivas, devendo estar em consonância com o Projeto Político Pedagógico da unidade educacional. Já se vão aí mais de 15 anos de mudança e, por isso, ficamos interessados em investigar como tem se dado o ensino das ACDs nas escolas da região de uma cidade do interior de São Paulo. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a orientação metodológica utilizada pelos professores de Educação Física que ensinam nas ACDs, suas expectativas e dos alunos, especificamente as turmas de esportes coletivos, bem como, ouvir os alunos sobre isso. O estudo desenvolveu-se com base na abordagem qualitativa de pesquisa e baseado na perspectiva exploratória. Os professores foram entrevistados e os alunos responderam a um questionário. Os resultados apontaram para a utilização da metodologia tradicional pelos professores e expectativa de competição e vitória nos jogos escolares. Na análise da expectativa dos alunos verificou-se que participavam das ACDs porque gostavam dos esportes.

Palavras-chave: Atividades Curriculares Desportivas. Esportes. Metodologias de ensino. Educação Física escolar.

ABSTRACT

In 2001 there was a change in public schools of São Paulo with the creation of Sport Curricular Activities, making the Secretariat of Education of São Paulo extinguished the naming Training classes. If before the Training classes developed at school was based in efficiency, technical/tactics improvement, competitiveness and development of talent in this new panorama the focus turned to the promotion of citizenship through the recreational and/or sports activities, should be in line with the Educational Policy Project of the educational unit. We have already been there for more than 15 years of change and, therefore, we are interested in investigating how ACDS teaching has been given in the schools of the region of a city in the interior of São Paulo. In this sense, the objective of this study was to analyze the methodological approach used by the physical education teachers who teach in ACDS, your expectancy and from the students, specifically the class of team sports, as well as listen to students about it. The study was developed based on the qualitative research approach and based on the exploratory perspective. The teachers were interviewed and the students answered a questionnaire. The results pointed to the use of traditional methodology by teachers and expectation of competition and victory in school games. In the analysis of the students' expectation, it was verified that they participated in the ACDs because they liked sports.

Key-words: Curricular Sports Activities. Sports. Teaching methodologies. School Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA	12
1.1 Fragmentos históricos do vínculo do esporte com a Educação Física	12
1.2 A criação das Turmas de Treinamento e das Atividades Curriculares Desportivas (ACDs)	14
CAPÍTULO 2 - PEDAGOGIA DO ESPORTE E AS METODOLOGIAS DE ENSINO.....	18
2.1 Metodologia da série de jogos	18
2.2 Metodologia situacional	19
2.3 Metodologia pautada nos jogos simplificados.....	19
2.4 Questões gerais	19
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	22
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
4.1 Metodologias de ensino	25
4.2 Expectativa dos professores e dos alunos.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	38
ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2016 ingressei como bolsista no Núcleo de Ensino. É um programa formativo vinculado à Pró-reitoria de Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) que está voltado para a melhoria da escola pública. Tive contato com vários professores, os entrevistei, assisti algumas aulas e comecei a me interessar pelas Atividades Curriculares Desportivas (ACDs) e a forma como eles as trabalhavam. Também, desde 2015, venho atuando como estagiário no Projeto de Extensão Ensinando e Aprendendo Handebol e tenho me deparado, por conta das aulas do projeto, cotidianamente com o desafio de ensinar um esporte coletivo para crianças e adolescentes.

No projeto de extensão organizamos festivais que tem por objetivo principal celebrar o esporte de forma a integrar, incluir e oportunizar que todos tenham uma participação plena. O esporte não é descaracterizado porque a competição existe, embora não seja o foco principal, pois não há campeão, todos são premiados com medalhas. Todos os times tem a mesma quantidade de jogos e todos os alunos passam pelo rodízio de substituição e posição de goleiro.

A metodologia utilizada no projeto despertou-me o interesse de verificar se ela também é utilizada na escola, pois o objetivo se encaixa perfeitamente: “A Pedagogia do Esporte busca investigar e intervir na prática esportiva, de modo a garantir que o sujeito possa apropriar-se do fenômeno esportivo, tão logo, implicando na responsabilidade da educabilidade do sujeito” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013, p. 31).

O ensino dos esportes coletivos propõe vários desafios como, por exemplo, procurar saber por onde começar uma aula, o que o aluno deve aprender primeiro, as estratégias a serem utilizadas, atividades, jogos, brincadeiras e como manter a motivação. Esses desafios são maiores ainda quando se trata da iniciação esportiva.

Algo que também me motivou bastante foi minha experiência pessoal como aluno na Educação Física Escolar. Pelas poucas aulas que participei, reflito que não tive boas experiências, algumas atividades não tinham objetivo, era o fazer apenas por fazer e tive avaliações do que não haviam me ensinado.

Acredito então que há formas de ensinar que incluam, façam o aluno pensar e se tornar um agente ativo durante o jogo e não apenas um peão no tabuleiro de xadrez. As medalhas e troféus são símbolos que materializam a resultados, mas como fica o

conhecimento do aluno? O sentimento e a sua formação como cidadão pela prática do esporte escolar que vivenciou?

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a orientação metodológica utilizada pelos professores de Educação Física que ensinam nas ACDS, especificamente as turmas de esportes coletivos, bem como, ouvir os alunos sobre isso.

Este texto está organizado de forma que no primeiro capítulo apresentamos um breve histórico sobre o Esporte e a Educação Física.

No segundo capítulo ganhou destaque a pedagogia do esporte, no qual verificamos o ensino dos esportes coletivos de forma inovadora e algumas outras metodologias.

A metodologia está exposta no capítulo 3, evidenciando a orientação pela abordagem qualitativa com base em um estudo exploratório que entrevistou professores de Educação Física e aplicou questionários para os alunos das ACDs.

No capítulo 4 fazemos a apresentação e discussão dos resultados encontrados nas coletas e os articulamos com a literatura relacionada ao ensino dos esportes na escola.

As considerações finais encerram o texto sinalizando para o ensino dos esportes pela forma tradicional e objetivando a competição e a expectativa dos alunos para prática do esporte que gosta.

CAPÍTULO 1

O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

1.1 Fragmentos históricos do vínculo do esporte com a Educação Física

O esporte e a Educação Física tiveram ligações com os interesses políticos e estratégicos das instituições sociais e dos Estados em vários momentos da história.

Não havia uma finalidade em si mesmo para o Esporte durante a antiguidade. Era sempre tratado como um elemento interno das organizações militares, de educação ou religiosa. Suas atividades desenvolveram-se mediante ações que mostravam-se úteis em reproduzir acontecimentos de combate, de caça e rituais religiosos. Na Grécia Antiga, as atividades atléticas e ginásticas idealizavam a formação completa do homem. Possuía valores morais e pedagógicos, além do que era utilizado como preparação militar para os jovens durante a época escolar. Os jogos gregos homenageavam os Deuses do Olimpo, tendo assim um caráter predominantemente religioso. Os Jogos Olímpicos significaram a troca cultural entre as cidades-estados gregas e celebravam a paz entre estes povos. Na Roma antiga surgiram os Jogos Públicos. Eram grandes eventos realizados em circos e anfiteatros, onde aconteciam corridas de bigas, combates entre gladiadores, com feras e onde pessoas eram executadas. Os governantes romanos ofereciam esses jogos com a intenção de diminuir a inquietação social. Era a “Política do Pão e Circo” que alienava a população defronte as atitudes antipopulares do Imperador. Simbolizava a paz entre os patrícios (aristocratas) e os plebeus (povo). Essa função era posta no tempo da República. Apesar disso, tornaram grandes espetáculos que reuniam milhares de pessoas, alcançando assim o auge na era do Império Romano (SIGOLI; DE ROSE JR, 2004).

Tendo como referência histórica a Revolução Industrial, que ocorreu a princípio na Inglaterra e espalhou-se a partir de 1850 pela Europa e América, pode-se dizer que a Educação Física inglesa não tinha um objetivo militar de disciplina e treino assim como outros países. Sendo que sua maior contribuição foi a do esporte. Havendo ascendido ao controle político e influenciado socialmente, a classe média exigiu maior distinção educacional que foi importante para que os jogos esportivos se desenvolvessem e propagassem. O esporte sendo praticado inicialmente pela nobreza, também passou a ser uma prática da classe média, que criou clubes e associações

esportivas. Sendo que espalhou-se, a começar pelo final do século XIX, por quase todo o mundo (BETTI, 1991).

O Método Desportivo Generalizado iniciou, na década de 1950, a esportivização e atingiu seu auge na década de 1970, quando o governo chegou a subordinar a Educação Física escolar ao esporte. Segundo Betti (1999, p. 26, apud BRACHT, 1992, p. 35): "Relembrando no Brasil os elementos da cultura corporal/movimento predominantes na Educação Física foram, num primeiro momento, a ginástica e, num segundo - e esta é a situação atual - o esporte".

O esporte moderno tem sofrido transformações por mudanças de paradigmas e marcos históricos, seguindo assim as tendências da sociedade. Essas mudanças começaram a ocorrer de forma mais intensa após a Segunda Guerra Mundial sendo usado politicamente, tendo maior acesso da população, influência da globalização e a atratividade desse fenômeno tomando maior relevância e com seu auge no final da Guerra Fria. Com a formação de dois blocos econômicos, decorrente da separação das grandes potências mundiais, o esporte passou a ser utilizado como um instrumento político para os Estados e uma forma dos povos mostrarem superioridade perante outros. No período da Guerra Fria, ganhar medalhas se tornou uma marca de orgulho nacional e supremacia de um governo sobre o outro. O esporte expandiu-se nesta época devido à notabilidade exercida por atletas nas competições internacionais e investimento para melhorar o alto rendimento (MARQUES; GUTIERRES; ALMEIDA, 2008).

Segundo Almeida (S/D) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 4.024 foi a que mais longa tramitação teve no Poder Legislativo remetido em 1948, tendo recebido sanção presidencial em dezembro de 1961. Esta lei distribuída em 119 artigos teve 23 vetos presidenciais sendo nove vetos mantidos pelo Congresso Nacional. No antigo ensino primário, a Educação Física escolar tinha como atividade física a recreação. Era uma proposta de natureza formativa que estreitava o objetivo pedagógico e social da Educação Física no que dizia respeito da importância para a formação de valores físicos e morais da criança (BELTRAMI, 2001, p. 28). Em seu artigo 22, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 4.024 de 1961, determinava a obrigatoriedade legal da prática da Educação Física, no ensino primário e médio (BRASIL, 1961).

No período entre o final da 2ª Guerra Mundial, até o ano de 1964 no início da ditadura militar brasileira, era mantido nas escolas pela Educação Física o caráter gímico e calistênico.

Com o poder executivo nas mãos dos militares, houve um grande crescimento do sistema educacional, pretexto com o qual o governo traçou a utilização das escolas públicas e privadas para propagar o regime militar. Havia muito investimento do governo no esporte, com o objetivo de fazer da Educação física um suporte ideológico, a começar pelas vitórias em competições de alto nível, acabando assim com as críticas internas e transparecendo um ambiente próspero e de desenvolvimento. Assim fortaleceu-se a ideia do conceito de esportivismo, em que se tornaram cada mais frequentes na Educação Física o rendimento, o êxito nas competições e a busca pelo mais competente e forte. O decreto lei nº 705/69 (BRASIL, 1969), foi uma das mais importantes medidas que impactaram a Educação Física neste período, pois obrigava sua prática no 3º Grau. Castellani Filho (1998), comenta que este decreto tinha como objetivo político beneficiar o regime militar, desmontando assim as concentrações e o movimento estudantil que era contra o regime militar, sendo que as universidades configuravam nos principais polos de resistência a esse regime. Desta maneira, o esporte era utilizado como um componente distrativo à realidade política da época. Além disso, a Educação Física/Esportes no 3º grau era vista como uma atividade desprovida de conhecimentos e era relativa ao fazer pelo fazer, focada em formar mão de obra apta para o trabalho (SOARES, 2012).

1.2 A criação das Turmas de Treinamento e das Atividades Curriculares Desportivas (ACDs)

Na década de 1970 foi implantada uma infraestrutura esportiva na rede escolar do Estado de São Paulo, a organização no ciclo ginásial e colegial de Turmas de Treinamento. Tais turmas, que se estabeleceram durante o período da ditadura militar, determinavam como foco o desenvolvimento da aptidão física e a descoberta de talentos esportivos, envolvendo a conquista de boas colocações nas competições nacionais e, posteriormente, internacionais. Em busca destes resultados, a organização das turmas se efetivava por dinâmicas seletivas e excludentes por parte dos professores de Educação Física e da gestão das escolas, nas quais somente os mais habilidosos eram escolhidos para compor as equipes e participar dos campeonatos escolares (BARROSO; DARIDO, 2006). Eram formadas por 25 alunos, uma turma para cada modalidade de esporte com o fim de preparo e participação em campeonatos oficiais, olimpíadas estudantis, intercâmbios esportivos e outras formas de competição. A ênfase do treinamento era no aprimoramento técnico-esportivo (SÃO PAULO, 1971).

A mesma resolução regulamentava que a frequência dos alunos era obrigatória e considerada como aula de Educação Física, ou seja, os alunos que participavam das Turmas de Treinamento não precisavam participar das aulas regulares de Educação Física. A carga horária semanal era a mesma prevista para o ciclo ginásial: duas a três aulas semanais, a critério do diretor e conforme as possibilidades do estabelecimento e colegial.

A resolução Secretaria da Educação(SE) nº 9, de 16-03-72 estabeleceu as categorias e as respectivas idades para estas Turmas de Treinamento:

Parágrafo único - Os estabelecimentos que organizarem turmas de treinamento para cada modalidade de esporte de diferentes categorias: A - mirim até 13 anos completos. B - infantil até 15 anos completos. C - juvenil até 18 anos completos. São obrigados a participar do Campeonato Colegial do Estado de São Paulo de acordo com o Decreto 51.607 de 31-3-1969 (SÃO PAULO, 1972, p.19).

As Turmas de Treinamento passaram por outras resoluções (SE nº 11, de 18-01-80; SE nº 90, de 03-05-83; SE nº 19, de 28-01-87) até chegar na resolução SE nº 275, de 30-12-93 que definiu que os alunos, participantes das Turmas de Treinamento, não estariam mais dispensados das aulas regulares de Educação Física. Tais turmas deveriam ser constituídas de no mínimo 16 e no máximo 20 alunos com participação obrigatória no Campeonato Escolar do Estado de São Paulo, sendo que o professor que deixasse de participar com sua turma seria punido com a não atribuição de aulas no próximo ano (SÃO PAULO, 1993, p. 42-43).

As Turmas de Treinamento mantiveram, até o seu fim, o objetivo de aprimorar o rendimento técnico desportivo dos alunos.

Em 2001 houve uma mudança neste cenário com a criação das Atividades Curriculares Desportivas (ACDs). A Secretaria da Educação de São Paulo publicou a Resolução nº 142 (SÃO PAULO, 2001), a primeira diretamente relacionada às Atividades Curriculares Desportivas, a qual extinguiu a nomenclatura Turmas de Treinamento. Se antes as Turmas de Treinamento desenvolvidas na escola pautavam-se no rendimento, melhoria técnica/tática, competitividade e revelação de talentos, neste novo panorama o foco voltou-se para a promoção da cidadania por meio das atividades recreativas e/ou esportivas (GOES, 2010), estando em consonância com o Projeto Político Pedagógico da unidade educacional.

A definição do número limite de turmas de ACDs por escolas varia de acordo com a quantidade de salas existentes na instituição escolar, entretanto, o máximo permitido são oito turmas por escola.

As modalidades disponíveis nas ACDs para crianças e adolescentes do ensino básico são: os esportes individuais (atletismo, badminton, damas, natação, tênis de mesa e xadrez); esportes coletivos (basquetebol, futsal, handebol, rugby, voleibol e vôlei de praia); lutas (capoeira, judô e karatê; ginásticas: artística, geral e rítmica) (SÃO PAULO, 2016, p. 44).

Para a formação das turmas há uma divisão de quatro categorias, levando em consideração a faixa etária dos participantes: pré-mirim (até 12 anos completos), mirim (até 14 anos), infantil (até 17 anos) e juvenil (18 anos ou mais).

Apenas a categoria pré-mirim apresenta restrições em relação à participação das crianças em algumas atividades esportivas, sinalizando que se leva em conta o processo de desenvolvimento motor. Deste modo, a partir dos sete anos os alunos podem participar da ginástica artística, geral e rítmica; a partir de oito anos damas, capoeira, judô e xadrez; com nove anos podem iniciar a participação no atletismo, na natação e no tênis de mesa. Nos esportes coletivos, apenas os alunos dos anos/séries finais do ensino fundamental podem participar desta categoria. Conclui-se então que sejam alunos do 6º ano que tenham 10 anos completos (SÃO PAULO, 2016).

As resoluções referentes às ACDs dispõem de diversas informações sobre as atividades esportivas, no entanto, não há nenhuma menção sobre a metodologia de ensino a ser utilizada ou algo que possa orientar o professor no desenvolvimento das aulas. Como sinaliza Rosa (2016, p.20) “[...] aparentemente falta um espaço no Currículo de Educação Física que aborde e norteie a prática pedagógica dos(as) professores(as) que lecionam neste contexto das turmas de ACD”. Cumpre lembrar que em 2012 o estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2012) estabeleceu para todo o estado o Currículo de Educação Física, porém, em tal documento não há qualquer menção sobre as ACDs.

Mesmo que a resolução sobre as ACDs aponte para a importância da prática esportiva, valorizando as relações interpessoais, ampliando possibilidades e oportunizando o exercício da cidadania, o trato pedagógico utilizado nas aulas pode apontar para outra vertente, a do alto rendimento, do foco exclusivo nas competições escolares e da exclusão de alunos menos habilidosos. A formação esportiva no ambiente escolar deveria ser uma prática social atrelada ao Projeto Político Pedagógico

da escola, todavia “[...] o ensino-aprendizagem dos esportes, em muitas situações, não é condizente com os propósitos educacionais, principalmente metodologicamente...” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 22).

Os modelos tradicionais de ensino do esporte, influenciados pela mídia e muitos manuais esportivos, pautados em repetições de gestos e jogos coletivos descontextualizados, reforçam o foco na melhoria das habilidades isoladas do jogo. Na direção contrária, os estudos da Pedagogia do Esporte, influenciados pelas produções de estudiosos da Espanha (BLASQUEZ-SANCHEZ, 2010); Estados Unidos (OSLIN, MITCHEL e GRIFFIN, 1997); Portugal (GRAÇA e GARGANTA, 1995); França (PARLEBAS, 1987, 2008; BAYER, 1994); Romênia (TEODORESCO, 1984); Inglaterra (BUNKER, THORPE, 1982), Alemanha (MAHLO, 1980), demonstram uma preocupação com o ensino do esporte com base em suas estruturas (companheiro, adversário, ambiente) e situações de ataque e defesa, apontando críticas às propostas que se apresentam de forma reduzida e exclusivistas, “[...] principalmente em se tratando da iniciação esportiva precoce, centrada na busca pelo resultado imediato, desconsiderando o ser que joga” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 39).

No próximo capítulo trataremos sobre a Pedagogia do Esporte.

CAPÍTULO 2

PEDAGOGIA DO ESPORTE E AS METODOLOGIAS DE ENSINO

A Pedagogia do Esporte assume um compromisso com a “[...] problemática educativa, destacando-se a importância dos conhecimentos pedagógicos para a intervenção no esporte” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013, p. 26), tendo como foco principal a formação humana. Metodologicamente busca superar o ensino tradicional ao apontar para um ensino pautado na utilização de jogos reduzidos, adaptados, situações direcionadas à tomada de decisão, leitura do jogo e sua imprevisibilidade favorecem a compreensão da dinâmica do jogo, e suas possibilidades de ação, além de desenvolver os aspectos técnicos e táticos. Esses jogos com regras menos complexas, facilitam o entendimento do jogo e “[...] transcendem a simples repetição de movimentos, orientando-se para a formação de sujeitos conscientes, críticos e reflexivos” (REVERDITO; SCLAGLIA; PAES, 2009, p. 606).

Acreditamos que o ensino do esporte na escola, pautado nesta proposição da Pedagogia do Esporte, é um caminho possível para que as ACDs possam contribuir de forma significativa para a formação do cidadão, atuando “[...] como mecanismo interventor no processo de constituição do indivíduo” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 21).

Diante desta defesa, a seguir apresentamos algumas correntes metodológicas para o ensino dos esportes coletivos.

2.1 Metodologia da série de jogos

Segundo Dietrick, Durrsachter, Schaller (1984), a série de jogos é a metodologia de jogos mais importante no conceito recreativo do jogo esportivo. Podemos entendê-la como uma sistematização racional e metodológica das formas de jogo na metodologia do jogo.

Na metodologia de jogo, as estações isoladas de uma série de jogos são os sistemas de jogo. O objetivo dos sistemas básicos dos jogos esportivos e os mini-jogos esportivos é chegar ao grande jogo. As séries de jogos podem guiar de forma precisa, notadamente resumida, o processo de ensino aprendizagem, por meio de sistemas

menos simplificados dos jogos esportivos, aos minijogos e ao jogo esportivo. O propósito deste sistema é oportunizar conhecimentos básicos do jogo final com a ajuda de componentes isolados da série, chegando assim, aos poucos, no jogo complexo. A aprendizagem é colocada dentro do jogo, fundamentalmente como elaboração e aumento de conhecimentos inerentes de jogo. Programas de ação e convívios sociais sem excluir a aprendizagem motora (DIETRICK; DURRSACHTER; SCHALLER, 1984, p. 11).

2.2 Metodologia situacional

A metodologia situacional é organizada por meios próprios de conduta, em que o jogador deve alcançar uma eficiência geral do jogo. O jogador deve vivenciar situações que se aproximem ao máximo possível do jogo real. A metodologia situacional evita que o jogador seja ensinado da forma condicionante e desgastante que é o ensino da técnica e especialização prematura da modalidade. É uma metodologia ativa que destaca a evolução do entendimento tático e dos processos cognitivos contidos à tomada de decisão (PINHO et al., 2010).

2.3 Metodologia pautada nos jogos simplificados

Nesta metodologia, ao se tratar do ensino de crianças e adolescentes, faz-se necessário que os procedimentos iniciem dos mais simples para os mais complexos. A ideia mais geral do fazer/executar específico, deve sempre contemplar várias dimensões. Deve-se primeiro adaptar o conhecimento em esportes ao perfil da criança. O que justifica o emprego de espaços reduzidos: a possibilidade dos jogadores reproduzirem diferentes jogos de invasão, aprendendo assim o sistema e as técnicas de jogo. Essas práticas, também conhecidas como mini-jogos, proporcionam a apreensão da similaridade presente nos jogos de invasão. Assim as crianças serão capazes de manter os conhecimentos e táticas dos jogos para que realizem outros jogos (SADI; COSTA; SACCO; 2008).

2.4 Questões gerais

É importante pensarmos no esporte na escola como um espaço democrático de aprendizagem e que deveria se estabelecer como um direito de todas e todos.

A inclusão da pessoa com deficiência nas atividades esportivas é um bom questionamento. Conforme a Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015, art. 28) que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) cita no capítulo IV, artigo 28, item XV: “acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar”. Costa e Souza (2004) também fazem uma forte crítica à Educação física e ao esporte adaptado:

No nosso entendimento, na educação física e no esporte adaptado não percebemos ações ou práticas que levassem as pessoas portadoras de deficiência a desenvolverem suas atividades entre pessoas que não fossem deficientes. O objetivo é de integrar socialmente, mas o caráter é segregacionista.

Beltrame e Sampaio (2015), em uma pesquisa feita com os professores de um projeto de Atendimento Educacional Especializado (AEE) em esporte adaptado, verificaram que os professores têm os objetivos de competição, participação e reflexos na escola. Sendo que o maior objetivo em comum é a competição. Eles citam que o projeto deve preparar para que o aluno se torne um atleta. Fica assim a dúvida se o projeto é voltado para a iniciação esportiva ou inclusão (BELTRAME; SAMPAIO, 2015).

A competição é inerente ao esporte. Corroboramos com REVERDITO et al. (2006) quando diz que ao se pensar em um projeto de competição pedagógica o elemento fundamental deve ser a colaboração e que devemos trabalhá-la com início da compreensão de três conceitos: competição, cooperação e valores sociais. É preciso que o ensino concretize-se de modo competitivo-colaborativo. Isso facilita uma melhora na cooperação entre companheiros e adversários. Dessa forma todos se apropriarão das benesses da competição.

A pedagogia do esporte também sugere a organização de festivais esportivos. É uma proposta de inclusão, em que todos os alunos podem participar de jogos, brincadeiras, ludicidade como também a aprendizagem de técnicas e táticas. Isso pode ser trabalhado por competições internas. Agrupando essas manifestações da cultura do esporte, tanto pode ser vivida a realidade da infância/adolescência no esporte, como ser feita pelo conceito de preparação para o esporte (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2006).

Uma questão que surge é o que acontece com as pessoas que não vão para o esporte profissional? Será que essas pessoas param a prática ou continuam de uma forma menos competitiva e mais lúdica?

Em um estudo sobre programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo, verificou-se que algumas entidades iniciam a prática esportiva de algumas modalidades com crianças que tem quatro anos de idade, podendo participar até no máximo quando tiverem dezessete anos. A seleção acontece apenas para as equipes federadas. Mesmo assim, se a procura for maior do que o número de vagas, é feito um sorteio. Causando assim a exclusão logo no início para a criança (ARENA; BOME, 2000).

Não foram encontrados estudos sobre o destino dos praticantes que não seguem a carreira profissional, tornando assim uma possibilidade de pesquisa.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

O estudo se desenvolveu com base na abordagem qualitativa de pesquisa que, como ressaltam Ludke e André (2012), tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, predominantemente descritivos. Além disso, está baseado na perspectiva exploratória (GIL, 1999), pois investigou uma temática ainda pouco estudada na literatura da área.

Os procedimentos de análise dos dados coletados durante as entrevistas se orientaram pela estrutura apresentada por Gomes (2002): a) Ordenação dos dados: faz-se o mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo (transcrição das gravações, releitura do material, organização dos dados das entrevistas); b) Classificação dos dados: com base no que é relevante nos textos, são elaboradas as categorias específicas; c) Análise final: estabelecimento de articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base nos objetivos.

Inicialmente foi feito um levantamento de dados sobre as ACDs de esporte coletivos das escolas estaduais cadastradas junto à Diretoria de Ensino de uma cidade do interior de São Paulo. Em seguida, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os professores responsáveis pelas turmas de ACDs e aplicado um questionário com os alunos participantes destas atividades.

Identificamos que, no ano de 2016, as escolas estaduais, sob a jurisdição desta Diretoria de Ensino (DE), contavam com 45 turmas de ACDs. Deste total, em 31 delas foram aplicados os questionários aos alunos das turmas. As demais, por algum tipo de contratempo (dentre eles: recusa na participação da pesquisa pelos professores; participação do grupo nos jogos escolares do Estado de São Paulo; condição meteorológica que inviabilizava a ocorrência das aulas), impossibilitaram tal coleta. Foram entrevistados 17 docentes de Educação Física que atuavam em escolas estaduais e possuíam uma ou mais turmas de ACDs.

Todos os professores assinaram termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – Anexo A) que está anexo no final. Os nomes são fictícios para garantir o sigilo.

A entrevista seguiu um roteiro contendo informações relacionadas à atuação nas ACDs:

- 1 – Há quanto tempo você trabalha com turmas de ACDs?
- 2 - Com qual(is) modalidade(s) de ACDs você trabalha? E com quantas turmas de ACD?
- 3 – Por que você escolheu esta(s) modalidade(s) ao invés das outras possíveis?

- 4 – Quais suas expectativas em relação à(s) sua(s) turma(s) de ACD(s)?
- 5 – Conte-nos detalhadamente como são suas aulas?
- 6 – Por que você escolheu ensinar deste jeito e não de outro? Fale a respeito.
- 7 – Para os que responderem que estão trabalhando com ACD há mais de um ano: Como você avalia este seu tempo de atuação?
- 8 - Quais as condições da estrutura física e dos materiais da escola para que você desenvolva as aulas de ACD?
- 9 – Você participa ou já participou de jogos escolares com alguma turma sua de ACD? Como foi essa experiência?
- 10 – Você teria ou não alguma sugestão de mudança para as ACDs? Quais? Por quê?
- 11 – Qual critério você utiliza para selecionar os alunos que participam da sua turma de ACD?
- 12 – Você teve alguma orientação (de outro profissional, palestra, curso...) para as ACD(s) que desenvolve? Fale a respeito.

A seguir apresentamos o quadro com o perfil dos professores participantes do estudo.

Quadro 1 - Perfil dos docentes participantes da entrevista

Nomes fictícios	Tempo de atuação como docente	Instituição em que realizou sua formação inicial em Educação Física	Tempo de atuação com ACD	Atualização profissional
Alegria	28 anos	Pública	20 anos	Sim
Augusto	4 anos	Pública	3 anos	Sim
Bailarina	23 anos	Pública	10 anos	Sim
Bruna	11 anos	Privada	1º ano	Sim
Bruno	10 anos	Privada	4 anos	Sim
Cabelo	12 anos	Privada	7 anos	Sim
Carol	7 anos	Pública	6 anos	Sim
Cristiano	39 anos	Privada	20 anos	Sim
Marcelo	4 anos	Privada	1º ano	Não
Márcia	16 anos	Pública	16 anos	Sim
Mônica	24 anos	Privada	2 anos	Sim
Olímpia	10 anos	Pública	10 anos	Sim
Profi	24 anos	Privada	9 anos	Sim
Rainha de Copas	18 anos	Pública	4 anos	Sim
Roger	22 anos	Pública	15 anos	Sim
Rogério	2 anos	Pública	1º ano	Sim
Wagner	20 anos	Pública	20 anos	Sim

Dentre os 17 docentes entrevistados, oito eram homens e nove mulheres. Identificamos três grupos em relação ao tempo de atuação nas ACDs, no qual sete docentes tinham experiência de um a cinco anos; cinco docentes de seis a 10 anos; cinco com experiência de 15 a 20 anos.

Esse quadro evidenciou um panorama geral das características dos docentes pertencentes à DE que foi envolvida no estudo, materializando uma heterogeneidade que também poderia ser analisada. Entretanto, o foco principal deste nosso estudo deu-se no sentido de investigar as práticas de ensino dos docentes, suas expectativas e dos alunos.

Já o questionário aplicado aos alunos abordou as seguintes questões:

1. Quais dessas atividades acontecem nas suas aulas de ACD? (Pode assinalar MAIS DE UMA alternativa)

- Alongamento
- Aquecimento
- Brincadeiras
- Corridas em quadra
- Exercícios com fila
- Flexão de braço e ou abdominal
- Jogos adaptados
- O jogo da modalidade
- Polichinelos
- Rachão
- Tática de jogo
- Treino de fundamentos da modalidade
- Outras atividades _____

2. Você considera as suas aulas de ACDs (Marque APENAS uma opção em cada letra)

- a. Divertida Mais ou menos Chata
- b. Atividades diferentes Mais ou menos Atividades repetidas
- c. Empolgante Mais ou menos Cansativa
- d. Outras características positivas _____
- e. Outras características negativas _____

3. Por que você participa da ACD? (Pode assinalar MAIS DE UMA alternativa)

- Por causa do esporte
- Por causa do professor
- Por causa das aulas
- Por causa dos colegas
- Por causa do incentivo dos pais
- Para participar dos jogos escolares
- Outros motivos _____

Participaram do estudo 292 alunos de 31 turmas de ACDs, envolvendo os seguintes esportes coletivos: futsal (23), vôlei (15), basquete (5) e handebol (2). Já os outros esportes

coletivos (rugby e vôlei de praia), disponíveis perante a legislação para serem ministrados, não foram encontrados.

Todos os alunos menores assinaram termo de assentimento livre e esclarecido (TALE – Anexo B) e levaram para seus pais assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – Anexo A). Todos os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos pelos alunos.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os dados das fontes coletadas (documentos da DE, entrevistas, questionários), os resultados, após intensa leitura e relações com a literatura correspondente, foram organizados em duas categorias de análise, a saber: Metodologias de ensino e Expectativas em relação às ACDs.

4.1 Metodologias de ensino

Os esportes coletivos, foco desse artigo, são aqueles em que para a formação de equipes é necessária a construção de uma relação de oposição e cooperação simultâneas, ou seja, entre os parceiros de equipe se coopera e na relação com os adversários se opõe (PARLEBAS, 2008). Além destes aspectos, a dinâmica do jogo se apresenta com elevadas possibilidades de ações por parte dos jogadores, o que também demarca uma necessidade constante de tomadas de decisões que ficam na dependência de leituras adequadas do jogo. O professor, neste cenário, deve se atentar para estas relações e demandas, reconfigurando os processos de ensino e de aprendizagem.

Em relação às aulas de Educação Física e às ACDs, quando nos referimos ao esporte no ambiente escolar da rede estadual de São Paulo, temos um currículo que orienta os docentes nas aulas regulares, todavia o mesmo não acontece nas ACDs: “[...] não há qualquer menção a estas aulas de atividades desportivas no Currículo de São Paulo ou nos materiais de apoio que o compõem” (ROSA, 2016, p. 20).

Ao entrevistarmos os 17 professores de turmas de ACDs¹ de esportes coletivos percebemos que os modos de ensinar se aproximavam dos modelos tradicionais utilizados nas antigas Turmas de Treinamento. Evidenciamos isso com base no apontamento de 15 docentes quando relataram que as aulas se desenvolviam basicamente numa sequência de aquecimento e alongamento (de forma mais lúdica), fundamentos/técnica (por meio de exercícios de repetição) e tática (posicionamento/ jogo coletivo). Tais características acenam mais para o rendimento do que para a formação de valores (éticos, sociais e morais), pois, para que “[...] o esporte

¹Um dos docentes entrevistados apontou que apesar de ter uma turma ACD de esporte coletivo, não era responsável pelo desenvolvimento das aulas.

realmente possa atender aos propósitos educacionais, deve se lançar ao campo das constantes reflexões e não pode se limitar ao desenvolvimento físico, técnico e tático” (REVERDITO; SCAGLIA, 2009, p. 22).

Sob este ponto de vista, as ACDs parecem evidenciar ainda hoje algum tipo de aproximação com a dinâmica das antigas Turmas de Treinamento, seja pela dominância das atividades destinadas ao sexo masculino, pela predominância dos esportes coletivos futsal, voleibol, basquetebol e handebol, ou pelas metodologias de ensino mais tecnicistas baseadas na reprodução e repetição de movimentos em busca da excelência, como “[...] separação dos componentes do jogo (técnico, tático, físico e emocional), realizando sessões de treino com objetivo de desenvolver exclusivamente um destes aspectos” (FILGUEIRAS, 2014, p. 318).

Há uma ênfase nos Jogos Escolares, retratada na fala de alguns dos docentes: “[...] como é turma de treinamento, o foco é participar de campeonatos. O foco é prepará-los para essa vivência e com sucesso nos campeonatos que as escolas participam” (Augusto); “O que define mesmo um... uma equipe vencedora no escolar é uma equipe que saca bem e que recebe bem” (Rogério); “A experiência sempre é positiva. Nós sempre alcançamos... já fomos aqui campeão do estado. A escola tem tradição” (Cristiano). Nos discursos docentes, podemos notar um foco no treinamento para as competições, como denunciam Korsakas; De Rose Junior (2002, p.85), ao sinalizarem que: “[...] não são raras às vezes em que a grande preocupação de ter equipes competitivas nas escolas sobrepõe-se à intenção de ensinar o esporte”.

O questionário aplicado aos 292 alunos confirma a utilização de metodologias mais tradicionais, uma vez que as atividades que mais ocorriam no desenvolvimento das aulas eram, respectivamente: aquecimento (251)², alongamento (231), tática de jogo (168), corridas em quadra/treino de fundamentos (166) e o jogo da modalidade (158).

Os recentes estudos da Pedagogia do Esporte rompem com essa visão tradicional de ensino de gestos isolados que não representam as situações reais de jogo, apontando que os processos de ensino do esporte devem ocorrer por meio dos jogos reduzidos, simplificados (SADI, 2016), pautados “[...] pelo próprio ato de jogar, através de situações similares ao contexto formal das modalidades, colocando o sujeito para interagir com os demais em situações de cooperação/oposição” (TABORDA, RIBAS, 2015, p.4).

Em tais jogos esportivos, os participantes constantemente são desafiados em contextos complexos e imprevisíveis, ambientes nos quais são oportunizadas grandes possibilidades de desenvolvimento do pensamento tático. Neste sentido, é relevante compreender que “[...]”

²Quantidade de alunos que apontou que essa atividade ocorria nas aulas.

dominar uma técnica ou um conjunto mais amplo de técnicas passa a ser secundário diante da estratégia de pensar o jogo e escolher as táticas adequadas para cada momento do jogo” (SADI; SANTOS; ARAÚJO, 2016, p. 28).

Apenas 1 professor apontou para uma metodologia de ensino baseada nos recentes estudos da Pedagogia do Esporte, utilizando jogos reduzidos, atividades direcionadas para a tomada de decisão, a leitura do jogo, sua imprevisibilidade e as relações entre companheiros (cooperação) e adversários (oposição).

Os alunos relataram que há utilização dos jogos adaptados (118) e brincadeiras (93) nas atividades desenvolvidas, sendo respectivamente apenas o 7º e 9º recursos metodológicos mais recorrentes nas aulas. Neste caso, parece evidente uma maior aproximação aos modelos tecnicistas, nos quais “[...] a técnica antes do jogo formal, desconsidera a autonomia dos jogadores” (SADI; SANTOS; ARAUJO, 2016, p. 25), apontando para a necessidade de mudança na concepção do ensino dos esportes entre os professores.

Mas por que a maioria dos docentes segue uma perspectiva tradicional de ensino? Essa foi outra linha de análise por nós investigada, e nesse contexto os destaques dos professores sobre a motivação de ensinar dessa forma apontaram que: (5) ensinam dessa maneira por terem vivências como ex-atletas ou terem sido praticantes da modalidade; (3) aprenderam a ensinar desse modo nos cursos/graduação; (5) acreditam que essa seja a melhor opção metodológica; (1) por conta do número reduzido de aulas; (1) ensina desta maneira por acreditar que os jogos reduzidos proporcionam melhor entendimento dos esportes em sua totalidade; (1) nunca teve orientação, buscou conhecimentos em livros e foi adaptando ao longo dos anos de profissão.

Diante destes resultados, podemos afirmar que as vivências como ex-atletas, assentadas em modelos tradicionais de ensino, influenciaram na constituição da crença docente se mostrando como a melhor opção metodológica. Já que, segundo estes professores, a pesquisa em livros reforça esse entendimento da prioridade da técnica. Essa evidência pode demonstrar uma fragilidade tanto na formação inicial quanto continuada de grande parte destes docentes, na medida em que parecem ter contribuído para mobilizar outra forma de pensar. Corroboramos com González e Bratch (2012) ao salientarem que “[...] a forma de realizar o ensino e a qualidade do conhecimento disponibilizado pelo professor faz toda a diferença na hora de aprender” (p. 82).

Considerando a predominância desta perspectiva tradicional de ensino dos esportes coletivos entre os professores, ressaltamos a importância da formação continuada que, ao propor vivências, discussões e troca de experiências, pode auxiliar os professores “[...] em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais”

(CHIMENTÃO, 2009, p. 2). Contudo, vale destacar que as ACDs também precisam ganhar relevo neste processo formativo, sinalizando para a ampliação das reflexões para além das aulas regulares de Educação Física.

Cumprido ressaltar que um melhor entendimento de toda dinâmica dos esportes coletivos pode mobilizar os docentes a se atentarem para outras metodologias relativas ao ensino nas ACDs. Entretanto, de acordo com os relatos dos professores, a exploração desta temática na formação continuada é algo praticamente inexistente. Segundo os professores (11), as únicas informações/orientações referentes as ACDs ocorrem nos congressos técnicos que antecedem os Jogos Escolares, restritas ao regulamento, sorteio das chaves e alterações de regras.

Ainda que muitas turmas de ACDs, dos docentes aqui investigados, se mostrem mais próximas das antigas Turmas de Treinamento, com aulas repetitivas e descontextualizadas, o esporte ainda assim continua atraindo crianças e jovens, ou seja, a participação nas atividades esportivas, na maioria das vezes, é algo prazeroso para os alunos. Evidenciamos tal apontamento, a partir das respostas dos estudantes, ao indicarem que: as aulas são divertidas (249) e empolgantes (204). Contudo, em relação à utilização de atividades diferenciadas, a maior parte dos alunos apontou que isso se dava moderadamente (129), houve participantes que identificaram as aulas como chatas (3), com atividades repetitivas (45) e cansativas (21).

A mudança de concepção do ensino nas ACDs se torna necessária, já que é preciso superar essa supremacia da “[...] perspectiva do desenvolvimento da aptidão física/técnica/tática” (SWAITZI; MARTINY, 2016, p. 90), respeitando o que a atual Resolução das ACDs propõe, “[...] espaço de vivência de relações interpessoais que contribuem para a ampliação das oportunidades de exercício de uma cidadania ampla e consciente” (SÃO PAULO, 2016), ou seja, na formação do cidadão. Esta incoerência entre o que a legislação estabelece como princípio e o que se realiza nas aulas, evidencia elementos contraditórios na própria legislação e que materializam um modo de ensinar na contramão do que se busca. Como denunciam Reverdito e Scaglia (2009):

O ensino-aprendizagem nos esportes, em muitas situações, não é condizente com os propósitos educacionais, principalmente metodologicamente, quando sua prática pedagógica é constantemente influenciada pelo esporte espetáculo e por modelos “receitas” descritos em manuais técnicos (p. 22).

O ambiente esportivo fora da escola, que tem o modelo midiático como referência, é cercado de competição, desempenho, vitória a qualquer custo, porém dentro da escola os professores podem discutir estes valores em suas práticas pedagógicas apontando para outros horizontes (inclusão, solidariedade, respeito, cooperação). Trata-se assim de oportunizar a

participação de todos e todas, superando as características excludentes do esporte em relação aos menos habilidosos, pois “[...] nessa estrutura competitiva elaborada para as turmas de ACD, essa possibilidade de promoção de vivências esportivas fica mais restrita a um grupo de alunos(as) que faz parte de equipe vencedoras” (ROSA, 2016, p. 62).

Apesar de não haver orientações metodológicas em relação ao ensino dos esportes nas ACDs, a intenção de formação de cidadãos conscientes, de inclusão, de cooperação, possibilidades de lazer, o desenvolvimento integral dos alunos, devem ser os pilares da prática pedagógica e as expectativas docentes nesse contexto de ensino do esporte na escola.

4.2 Expectativa dos professores e dos alunos em relação às ACDs

Durante a pesquisa procuramos identificar quais eram as razões pelas quais os professores e os alunos desenvolviam/participavam das turmas de ACDs. Esta identificação foi aqui representada pelas expectativas que tais participantes manifestaram.

Dentre as respostas dos professores sobre suas expectativas (12) relacionaram-nas aos elementos que correspondiam aos bons resultados nos Jogos Escolares e outras competições; (5) manifestaram ideias que demonstravam a intenção de fazer com que o aluno compreendesse melhor o jogo e melhorasse a qualidade do mesmo; (5) sinalizaram que seria essencial à formação do aluno como cidadão durante a prática esportiva; (4) apontaram o ensino básico do jogo quando a turma tinha seu primeiro contato com a modalidade; (2) objetivavam formar jogadores/atletas, desenvolvendo suas habilidades e técnicas referentes à prática da modalidade; (2) julgavam a prática esportiva principalmente relevante para alcançar melhorias na área da saúde e bem-estar dos alunos; (1) afirmou não ter nenhuma expectativa perante sua turma de esporte coletivo.

Foi perceptível uma forte inclinação para os objetivos que eram demarcados nas antigas Turmas de Treinamento, ou seja, o preparo e participação em campeonatos oficiais, olimpíadas estudantis, intercâmbios esportivos e outras formas de competição (SÃO PAULO, 1971). Destacamos tal direção de análise, pois além destes aspectos, os professores demonstraram esperar bons resultados nos Jogos Escolares e em outras competições, bem como de terem como objetivo formar jogadores/atletas e/ou aprimoramento da parte técnica, o que pode resultar em algumas situações de “exclusão por habilidade” nas ACDs.

Com vistas a conseguir medalhas, essa prática com foco em campeonatos e formação de atletas, não dá espaço para alunos que não apresentam as características esperadas pelos professores, especificamente em relação aos padrões corporais e aos níveis de habilidade. O

aluno pode até participar das turmas, mas dificilmente é chamado para os campeonatos e, quando é, quase nunca entra nas partidas. Tal situação se contradiz com o objetivo da criação das ACDs, que é de oportunizar práticas esportivas e experiências diversificadas, contribuindo para a formação do cidadão (SÃO PAULO, 2001).

Ao se orientarem pelo rendimento dos alunos e boas colocações nos jogos, os professores assim se manifestaram: “[...] cada ano seja melhor pra poder ter um desenvolvimento melhor e alcançar e ganhar o campeonato” (Cabelo); “[...] meu objetivo é montar uma turma de competição” (Rainha de Copas).

Se o ensino e a aprendizagem das ACDs derem relevo à competitividade, à seletividade e à exclusão dos menos habilidosos, possivelmente tal dinâmica poderá contribuir para que esta mesma visão seja construída por muitos dos alunos participantes dessas turmas. Sob este ponto de vista, a propagação desta perspectiva excludente parece fortalecer um comportamento de alienação, acomodamento e incapacidade de refletir sobre o sistema vigente que reproduz modelos obsoletos de competições e características altamente competitivas do mundo, do individualismo (REVERDITO *et al.*, 2008).

Os docentes que apontaram para a expectativa de que os alunos gostariam que seus alunos desenvolvessem um jogo com mais qualidade, explicitaram ideias que demonstram a intenção de fazer com que o aluno compreenda melhor o jogo: “[...] que eles possam ter uma melhor qualidade de entendimento” (Rogério); “[...] eu quero que eles aprendam mais do que já sabem” (Rainha de Copas). Este ponto de vista evidencia elementos que traduzem mudanças no cenário de ensino e da aprendizagem dos esportes na escola, trazendo uma identidade às ACDs que se aproxima da formação do cidadão. Diferente da perspectiva de formação de times competitivos ou atletas, parece se manifestar nestes depoimentos “[...] uma reflexão sustentada na ação e uma ação sustentada na reflexão” (REVERDITO *et al.*, 2008, p. 39). E mais, ainda parece haver o reforço desse pensamento na resposta de outra professora “[...] Que eles avancem. Que eles tenham um aperfeiçoamento, mas não pensando em ser futuros atletas. Penso assim: eles adquirirem o conhecimento no que for melhor para eles” (Mônica).

Acreditando que seja essencial a formação do aluno como cidadão durante a prática esportiva, (5) docentes apontaram para essa expectativa, identificando o companheirismo, a integração, a importância da inclusão (oportunizando a todos a prática de esportes, independente da habilidade), como valores a serem trabalhados. Esses professores visavam “[...] colaborar com um ambiente legal, os alunos como pessoa, a parte crítica, e principalmente, que sejam, assim, que eles possam levar isso como um lazer, uma prática que seja pra todos.” (Rogério); propor momentos em que os alunos “[...] se relacionem bem entre si, que eles se

respeitem, que eles respeitem as regras do jogo e o próprio corpo...” (Bailarina). As relações sociais que acontecem durante a prática esportiva podem ser consubstanciadas em experiências ricas que proporcionarão aprendizados reais para os alunos, de modo que possam se apropriar do esporte como elemento cultural e produto social (ATHAYDE, 2016). Concordamos com Reverdito *et al.* (2008, p. 44) ao defenderem que “[...] a competição não é boa e nem ruim, ela é aquilo que especificamos para seus fins, tornando-nos responsáveis pelo ambiente pedagógico que satisfaça as necessidades e desejos de crianças e adolescentes”. A manifestação dessa forma de pensar, pode ajudar a criar um ambiente favorável ao aprendizado do jogo e das atitudes dos alunos entre si e com os adversários. Isso porque, principalmente, valores como respeito, solidariedade, companheirismo, integração e inclusão existem para além da escola e trabalhá-los contribui para um melhor desenvolvimento da cidadania.

Os professores (2) que manifestaram suas expectativas relacionadas à melhoria da saúde, qualidade de vida e bem estar dos participantes disseram: “[...] Primeiro que a gente tenta incentivar eles a praticar o esporte, ter uma vida saudável.” (Marcelo); “[...] O desenvolvimento da criança né, como um todo.” (Alegria). Estas expectativas evidenciaram a preocupação dos professores em utilizar as aulas para que os alunos se desenvolvam e criem práticas saudáveis por meio das ACDs, sendo que este é um dos papéis que podem e deveriam ser assumidos pela Educação Física Escolar (ARAÚJO; BRITO; SILVA, 2010). O professor Marcelo ainda cita que “[...] é basicamente isso: fugindo daquilo que hoje tem na rua, que tem bastante. Coisa que não vale a pena”. É perceptível a preocupação do professor com influências que atrapalhem ou desvirtuem o desenvolvimento dos alunos.

Curiosamente a docente que, embora tenha apontado não ter expectativa nenhuma com relação a sua turma de ACD, sinalizou que suas aulas estavam voltadas principalmente para a competição. Por esse motivo, tal docente abriu uma nova turma de ACD de diferente modalidade, na qual trabalhava outros aspectos que não estavam ligados diretamente à competição, segundo ela: “[...] Então assim, as expectativas que eu tenho são boas em relação à outra turma de treinamento que eu tenho.” (Olímpia). No decorrer da entrevista a professora apresentou sinais da síndrome do esgotamento profissional (SANTINI, MOLINA NETO, 2005), ao relatar:

[...] Eu acho que a escola te suga tanto que você acaba deixando isso de lado. Porque se você for pensar, tem que... a dar é muito mais difícil que dá aula de, na aula regular, que é aprofundado. “Ainda que não tenha mais vontade de dar aulas para turmas competitivas, a professora sente motivação em dar aula para outra modalidade com objetivo diferente”: [...] a ginástica geral é participativa. Então assim, as aulas elas são montadas de acordo com o calendário escolar mesmo. (Olímpia)

Para os alunos, a participação nas turmas de ACDs se mostrou mais assentada no fato de gostarem do esporte que praticam (261) que pelo envolvimento e participação nos jogos escolares (161). É preciso que os professores se atentem às expectativas dos alunos e não reproduzam situações que possam afastá-los da prática esportiva. Os alunos entrevistados mostraram que o gosto pela prática do esporte é mais significativa do que a participação nos jogos escolares. Embora os objetivos dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo sejam a socialização pela prática esportiva entre os alunos e também a busca pela descoberta de novos talentos esportivos, a participação é destinada às escolas de Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública estadual, municipal, particular, escolas técnicas estaduais e federais, sendo que cada uma será representada por equipe e/ou alunos conforme especificado no regulamento de cada unidade (SÃO PAULO, 2016). É responsabilidade do professor elaborar diversos conteúdos e estruturá-los com uma pedagogia do esporte que se atente aos interesses e às necessidades dos alunos, buscando motivá-los com uma metodologia prazerosa que os envolva, contribuindo para o desenvolvimento do interesse e do gosto pelo esporte (VENDITTI JUNIOR, SOUSA, 2008).

As situações de companheirismo e respeito se mostraram como elementos que podem motivar o envolvimento dos alunos nas ACDs, pois a integração e o incentivo dos próprios colegas foi a terceira razão da participação dos alunos nas ACDs (91); seguida pelo incentivo dos pais (51). Estes indicadores são considerados importantes, pois, segundo Cortes e Oliva (2016), os agentes de socialização (família, escola, amigos etc.) assumem um importante papel na construção dos valores que irão afetar a personalidade do aluno.

Os professores e as aulas por eles ministradas (67) foram, junto com a motivação dos alunos em participarem das aulas de ACDs (38), duas outras manifestações que se mostraram significativas para os alunos. O professor não está ali como detentor do conhecimento, mas como orientador e mediador, buscando desenvolver o ensino com vistas a contribuir para que o aluno construa comportamentos e atitudes que o permita praticar esporte pela vida toda (REVERDITO *et al.*, 2008).

Quanto às expectativas dos alunos para as aulas, os professores de Educação Física são responsáveis por criar atividades com situações imprevisíveis que estimulem os aspectos motores, cognitivo, moral e afetivo-social, desenvolvendo, como sugerem Venditti Junior e Sousa (2008), o raciocínio que exige o respeito do aluno pelas regras, para o prosseguimento do jogo sem interrupções, tratando de valores indispensáveis à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o objetivo do trabalho a análise da questão metodológica do ensino das atividades curriculares, pudemos verificar que os professores ainda estão muito voltados em ensinar da forma tradicional e na busca de montar times competitivos para a disputa dos jogos do estado. Embora seja a maioria, verificou-se que há pelo menos um professor que busca trabalhar de forma diferente utilizando a pedagogia do esporte.

Observamos também que os alunos estão mais interessados em participar do esporte que gosta do que por causa dos jogos do estado ou campeonatos.

Apesar de ser uma atividade que acontece na escola há muito tempo, e tem uma longa história por trás, ainda existem poucos estudos com relação às ACDs. Além de acontecer em todas as Diretorias de Ensino do Estado de São Paulo. O que possibilita um grande campo de pesquisa, pois esta pesquisa pode ser aplicada e os resultados comparados.

Se eu fosse fazer este estudo novamente, talvez reduzisse a abrangência de turmas. Apesar da grande quantidade de participantes enriquecer a pesquisa, o processo é muito trabalhoso: conversar com o/a diretor/a da escola; depois com o/a professor/a, agendar um dia para entrevistar; agendar outro dia para aplicar o questionário aos alunos; torcer para irem à aula; transcrever as entrevistas; questionários e analisar tudo.

Embora trabalhoso, foi muito enriquecedor fazer este estudo. Conheci diversas escolas da região, vários professores, fiz muitas amizades e até tive oportunidades de reger aulas para as turmas de ACD.

Apesar de perceber que ainda há muitas possibilidades de pesquisa, sinto que minha parte da missão está cumprida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosana A. **Atividades Curriculares Desportivas como espaço de vivência competitiva e recreativa**. S/D. 27 f. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Educação Física. Universidade São Francisco, Bragança Paulista-SP.
- ARAÚJO, Rafael A.; BRITO, Ahécio A.; SILVA, Francisco M. O papel da educação física escolar diante da epidemia da obesidade em crianças e adolescentes. **Educação Física em Revista**, Brasília, v. 4, n. 2, mai/jun/jul/ago, 2010.
- ATHAYDE, Pedro *et al.* O esporte como direito de cidadania. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, abr/jun. 2016.
- BARROSO, André L. R.; DARIDO, Suraya C. Escola, Educação Física e Esporte: Possibilidades Pedagógicas. **Revista Brasileira da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, Rio Claro, v. 1, n. 4, p.101-114, dez. 2006.
- BELTRAME, André L. N.; SAMPAIO, Tânia M. V. Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v 26, n. 3, p. 377-388, 3. trim. 2015.
- BELTRAMI, Dalva M. Dos fins da educação física escolar. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.12, n. 2, 2001.
- BETTI, Irene C.R. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente**. Campinas: FEFUNICAMP, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar).
- _____. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun, 1999.
- BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, dez. 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 03 dez 2017.
- _____. Decreto-lei Nº 705. **Da prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização**, Brasília, DF, jul. 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm> Acesso em: 03 dez. 2017.
- _____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em: 03 dez. 2017.
- CHIMENTÃO, Lilian K. **O significado da formação continuada docente**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigocomoral2.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2017.
- CORTES, Didier F. G.; OLIVA, Francisco J. C. O desenvolvimento de valores e atitudes por meio da aula de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 251-262, jan/mar. 2016.
- COSTA, Alberto M.; SOUZA, Sônia B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

DIETRICH, K; DURRSACHTER, G; SCHALLER, H. **Os grandes jogos. Metodologia e prática.** Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1984. 147 p.

FILGUEIRAS, Luiz F. A. S. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos JECs através dos jogos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol.** v. 6. n. 22. p. 317-321. 2014. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/230/252>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOES, André T. R. **Atividades Curriculares Desportivas.** 38 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Unesp, Bauru, 2010.

GOMES, R. A. Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

GONZÁLEZ, Fernando J.; BRATCH, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos.** Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

KORSAKAS, Paula; DE ROSE JR., Dante. Os encontro e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** São Paulo, n. 1, p. 83-93. 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 2012.

MARQUES, R.F.R., GUTIERREZ, G.L., ALMEIDA, M.A.B. A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo: Tendência de mercantilização a partir do final da guerra fria. **Anais...** 1º Encontro da Alesde "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas" UFPR, Curitiba, 2008. Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em: <<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/9.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deporte y sociedades: Léxico de Praxiología Motriz.** Barcelona/Espanha: Paidotribo, 2008.

PEREIRA, Lamartine da C. Os princípios do EPT. **Comunidade esportiva,** Rio de Janeiro, v.3, p.10-11, 1980.

REVERDITO, Riller S. et al. Competições Escolares: Reflexão e Ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a Prática,** v. 11, n. 1, p. 34-45, jan/jul. 2008.

REVERDITO, Riller S.; SCAGLIA, Alcides J. **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão.** São Paulo: Phorte, 2009.

_____. Pedagogia do esporte: conceito e cenário contemporâneo. In: REVERDITO, Riller S.; SCAGLIA, Alcides J.; MONTAGNER, Paulo C. **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Phorte, 2013.

ROSA, Lucas Braga do Couto. **Atividades Curriculares Desportivas: relações entre o Currículo Oficial do Estado de São Paulo para educação física e as turmas de basquete.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2016.

SADI, Renato S.; COSTA, Janaína C.; SACCO, Bárbara T. Ensino de esportes por meio de jogos: Desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática,** Goiânia, v. 11, n. 1, jan./jul. 2008.

SADI, Renato S.; SANTOS, Ivan; ARAÚJO, Rafael V. **Pedagogia do Esporte: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas.** 1.ed. São Paulo: Ícone, 2016.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-222, jul/set. 2005.

SÃO PAULO. Diário Oficial Poder Executivo. **Resolução SE nº. 14**, de 18 de fevereiro de 1971. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 19 de fev. 1971. p.21.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. **Resolução SE nº. 9**, de 16 de março de 1972. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 21 de mar. 1972. p.19.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. **Resolução SE nº. 11**, de 18 de janeiro de 1980. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 19 de jan. 1980. p.17.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. **Resolução SE nº. 9**, de 16 de março de 1972. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 21 de mar. 1972. p.19.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. Seção I. **Resolução SE nº. 90**, de 3 de maio de 1983. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 4 de mai. 1983. p.4.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. Seção I. **Resolução SE nº. 19**, de 28 de janeiro de 1987. Educação: Gabinete do Secretário. São Paulo, SP, 29 de jan. 1987. p.24.

_____. Diário Oficial Poder Executivo. Seção I. **Resolução SE nº. 141**, de 14 de dezembro de 2001. Educação: Gabinete da Secretária. São Paulo, SP, 15 de dez 2001. p.15, 16.

_____. Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação. 2. ed.** São Paulo: SE, 2012.

_____. Governo do Estado de São Paulo. **Regulamento geral dos jogos escolares do Estado de São Paulo – JEESP 2016.** Disponível em: <http://www.cpsctec.com.br/cpsctec/arquivos/regulamento_jogos.pdf>. Acesso em: 23 de abr. de 2017.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista Virtual EFArtigos**, Natal/RN, v. 3, n. 23, abril, 2006. Disponível em:<<http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo68.html>> . Acesso em: 03 dez. de 2017.

SIGOLI, Mário A., DE ROSE JR., Dante. A história do uso político do esporte. **R. bras. Ci e Mov.** 2004; 12(2): 111-119.

SOARES, Everton R. **Educación Física y Deportes, Revista Digital.** Buenos Aires, Ano 17, Nº 169, jun. 2012.

SAWITZKI, Rosalvo L.; MARTINY, Luis E. A Formação Esportiva: Atividade Extracurricular da Escola. In: ELENOR, Kunz (org.). **Didática da educação física 4: Educação Física e esportes na escola.** Ijuí: Unijuí, 2016. p. 87-107.

TABORDA, Douglas S.; RIBAS, João F. M. Pedagogia do Esporte e a Praxiologia motriz como mediadores da prática pedagógica na escola: primeiras aproximações. **Anais... VI Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2012. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/6csbce/sul2012/paper/view/4316/2144>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

VENDITTI JR, Rubens; SOUZA, Marlus A. Tornando o “Jogo Possível”: Reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Revista Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 47-58, jan./jul., 2008.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
Faculdade de Ciências
Departamento de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bauru, ____ de _____ de 2016.

A pesquisa intitulada **O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NAS ATIVIDADES CURRICULARES DESPORTIVAS: ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS** tem como objetivo construir, em parceria com os professores de Educação Física que atuam com aos alunos de 6º. ao 9º. anos do ensino fundamental e ensino médio, um livreto com orientações metodológicas para o ensino dos esportes coletivos desenvolvidos nas Atividades Curriculares Desportivas (ACDs).

A expectativa com esta investigação é viabilizar processos didáticos que contribuam com o ensino dos esportes coletivos nas aulas para as turmas de ACDs.

A pesquisa fará uso de entrevista (podendo ser transcrita na hora pelos pesquisadores ou registradas em gravador digital).

Se você sentir algum tipo de desconforto os pesquisadores irão lhe oferecer o auxílio necessário para que você venha a se sentir melhor.

Os resultados obtidos serão utilizados para fins científicos e a identidade dos participantes mantidas em sigilo.

Você poderá isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejar, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável pela pesquisa. Você não terá qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-lo/a por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovadonexo causal.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador(a) do RG n.º _____ e CPF _____, me comprometo a participar, como voluntário(a), da referida investigação de autoria e execução dos discentes Adriano Gomes de Moraes e Beatriz Carvalho Cavalieri sob a coordenação da Profª. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, lotada junto aos Departamentos de Educação Física da UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

Assinatura do/da participante

Telefones para contato: _____

Informações da coordenadora do estudo

E-mails: lilibau@fc.unesp.br;

Departamento de Educação Física da UNESP/ Tel: (14)3103-6082

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bauru, _____ de _____ de 2016.

Prezados Senhores Pais/Responsáveis pelos alunos participantes,

Solicitamos vossa autorização para que seu/sua filho/a participe da pesquisa intitulada **O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NAS ATIVIDADES CURRICULARES DESPORTIVAS: ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS** que tem como objetivo construir, em parceria com os professores de Educação Física que atuam com aos alunos de 6º. ao 9º. anos do ensino fundamental e ensino médio, um livreto com orientações metodológicas para o ensino dos esportes coletivos desenvolvidos nas Atividades Curriculares Desportivas (ACDs).

A coleta de dados será feita por meio de questionário para levantamento de informações sobre o que os alunos percebem e como avaliam as ACDs das turmas que participam na escola.

Reforçamos que nenhum procedimento que venha a interromper ou atrapalhar as atividades rotineiras da escola será adotado.

A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes.

Esclarecemos, ainda, que seu(sua) filho(a) poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder à questões que julgar “inconvenientes”, mantendo-se sigilo sobre sua identidade e dados da instituição a qual se vincula.

Se seu filho/a vier a sentir qualquer desconforto para responder o questionário os pesquisadores envolvidos prestarão todo o suporte necessário para que isso seja minimizado.

A condução da pesquisa ficará sob a responsabilidade dos discentes Adriano Gomes de Moraes e Beatriz Carvalho Cavalieri sob a coordenação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, (docente do Departamento de Educação Física, FC/UNESP-Bauru e orientadora do trabalho), fone p/contato: 3103-6082, ramal 7612 ou pelo e-mail: lilibau@fc.unesp.br.

Na expectativa de podermos contar com vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresentamos nossos cordiais cumprimentos.

Eu _____, RG nº _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, concordo quanto a participação do(a) mesmo(a) na obtenção das informações para o desenvolvimento do trabalho aqui apresentado, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do responsável

ANEXO B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
 Faculdade de Ciências
Departamento de Educação Física

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bauru, _____ de _____ de 2016.

Você está sendo convidado para participar do trabalho intitulado **O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NAS ATIVIDADES CURRICULARES DESPORTIVAS: ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS**. Seus pais (ou responsáveis) permitiram que você participasse!

O objetivo do trabalho é construir, em parceria com os professores de Educação Física que atuam com aos alunos de 6º. ao 9º. anos do ensino fundamental e ensino médio, um livreto com orientações metodológicas para o ensino dos esportes coletivos desenvolvidos nas Atividades Curriculares Desportivas (ACDs).

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Você responderá algumas perguntas que lhes serão solicitadas nos locais de ocorrência das suas aulas, bem como, algumas aulas de ACD, na qual você participa, poderão ser observadas pelos pesquisadores.

Caso venha a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar os discentes Adriano Gomes de Moraes e Beatriz Carvalho Cavalieri sob a orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira (docente do Departamento de Educação Física, FC/UNESP-Bauru e orientadora do trabalho - fone p/contato: 3103-6082, ramal 7612, ou pelo e-mail: lilibau@fc.unesp.br).

Sua participação na pesquisa não será divulgada e nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa.

Eu _____
 aceito participar do trabalho.

 Assinatura do menor